

Eduardo Campos: Marcos da Trajetória do Escritor

P. S. Narimanian

No estudo "Evolução e natureza do conto cearense", publicado na Revista CLÁ (1951/52) e reproduzido em *Uma Antologia do Conto Cearense* (IUC, 1965), o grande crítico Braga Montenegro assim definia a múltipla atuação literária do terceiro escritor, por ordem alfabética, integrante dessa coletânea:

Estreando-se no conto, Eduardo Campos publicou três livros no gênero: Águas Mortas (1943), Face Iluminada (1946) e Viagem Definitiva (1949). É autor também de algumas peças de teatro, duas das quais: O Mônio e a Rosa (1948) e O Anjo (1950). De além da Medicina Popular (1951) e o Folclore do Nordeste. Na ficção, o autor tentaria ainda o romance, O Conto das Mortos, não porém com absoluto sucesso.

1ª Parte

Estudos

No desempenho da função de coordenador na referida Antologia, dos livros de contos de Eduardo Campos, o renomado crítico Braga Montenegro decidiu pela seleção de *Jamília Pe-Torto*, obviamente por considerar a melhor das narrativas do gênero, até então editadas pelo seu confrade do Grupo CLÁ.

Dispondo do livro *Face Iluminada* (Edições CLÁ, 1946), para a análise formal e conteudística que pretendia realizar, foi *O Abutre* que me pareceu a mais indicada tessitura ficcional para o referido objetivo. Concluída a "Leitura crítica de um conto de Eduardo Campos", em 1971 fiz pequena tiragem xerografada, distribuindo-a a alguns críticos nacionais e até a universidades estrangeiras.

Quando essas remessas aconteceram, o cubano Antonio García-Paz integrava o Department of Spanish and Portuguese, da University of Minnesota, USA. E, chegadas às suas mãos a minha Leitura crítica e uma cópia de *O Abutre*, esse mestre de

Na seara do Livro e da Biblioteca

J.C. Alencar Araripe

Afervora-me a atenção e predispõe o meu espírito o estudo com que Fátima Maria Alencar Araripe se credenciou à obtenção do título de Mestre em História Social. Sou de longa data fervoroso apologista do livro e do santuário que o condiciona e assegura a sua perenidade. A quando remontam as minhas primeiras manifestações nesse plano? E o que isso acrescentaria ao registro que me proponho à guisa de apresentação?

Nos albores da minha mocidade, conheci e freqüentei a Escola Técnica de Comércio da Fênix Caixeiral, eficiente e conceituada, núcleo de ilustração intelectual e habilitação profissional. Os alunos, desde 2 de maio de 1926, reuniam-se no Grêmio dos Estudantes Fenistas, a mais antiga organização estudantil do Ceará, e cumpriam programa literário e de arregimentação em prol das reivindicações que mais os sensibilizassem. No belo edifício da Fênix Caixeiral, um monumento de valor arquitetônico e urbanístico, expressão de arte e bom gosto, encontrei uma das mais ricas e opulentas bibliotecas de Fortaleza. A biblioteca da Escola Técnica de Comércio chegou a possuir cinco mil volumes. A Fênix, entre outros objetivos, propunha-se a pugnar pelo alevantamento moral e material da classe caixeiral e dar-lhe instrução, para que, por esse meio, conseguisse um melhor padrão de vida e trabalho. Como cumprir esse desiderato sem o concurso do livro? E como torná-lo acessível senão por intermédio da biblioteca? Foi mirado nesse exemplo que cuidei com esmero da biblioteca da Associação Cearense de Imprensa, durante o período da minha presidência na entidade.

Guardo lembranças indeléveis de episódios que me enredam na seara do livro e da biblioteca. Nas reportagens que escrevi sobre a excursão aos Estados Unidos, em 1957, detive-me, em três oportunidades, em apreciações envolvendo a temática. Na visita à Universidade de Stanford, na Califórnia, brasilianistas desenvolveram proveitoso trabalho de intercâmbio que tinha na

biblioteca a base de ordenamento. Na Universidade de Harvard, a biblioteca reunia, então, cerca de seis mil volumes, somente superada pela de Washington. Na Universidade Católica da capital norte-americana, dei realce à Biblioteca Oliveira Lima, constituída de livros que o eminente historiador tivera em Londres, Bruxelas e Lisboa e que doara ao diretor da Universidade Católica de Washington, com quem se relacionara na Europa. Sendo um dos maiores centros bibliográficos do Brasil Colonial na América, lá se viam obras do Barão de Studart e de diversos escritores do Ceará e outros estados.

Em 1967, vi-me envolvido em dois gratificantes eventos. Na Casa de Juvenal Galeno, coube-me a honra de saudar o professor Mozart Monteiro, que acabava de doar à instituição a sua biblioteca, de quatro mil volumes, versando sobre temas os mais variados, como história, geografia, sociologia, páginas primorosas em prosa e poesia, o moderno e o antigo em conjunto harmônico, que traduz pujante integração cultural. Não era uma biblioteca qualquer que passava a pertencer à Casa de Juvenal Galeno. Era a biblioteca de um professor de nomeada no Rio de Janeiro e com atuação em centros universitários sul-americanos e europeus. Era a biblioteca de um jornalista com a vivência e o lustre de prestigiosos órgãos da imprensa. Era a biblioteca de um escritor de méritos, de sólida formação humanística, de experiência e conhecimentos.

Na inauguração da Biblioteca do Lar Mariano, contígua à Igreja do Cristo Rei, pela Gonçalves Ledo, os estudantes convidaram-me para proferir a oração oficial. Outro momento de ressonância em meu espírito.

Uma das exigências para autorização e reconhecimento de escolas públicas e particulares é a presença da biblioteca. Além da disponibilidade de livros didáticos, para atender a uma clientela marcada pela pobreza, pode ser, pela variedade de obras de cultura geral, um despertar de interesse pela leitura, tão escassa em todos os segmentos da sociedade. Na minha permanência de 18 anos no Conselho de Educação do Ceará, foi com inarredável persistência que exigia o cumprimento do dispositivo legal pertinente ao assunto. Convenci-me da inutilidade da minha devoção a esse receituário. Mas tive, sempre, consciência de que procedia

segundo sábia recomendação, isto é, com vontade de servir às tarefas de meu tempo.

Nesta altura, não consigo conter o impulso de transcrever literalmente trecho de um estudo de mestre peruano, que inseri em conferência por mim proferida em Fortaleza, durante Semana da Biblioteca, e que integra o meu livro *Jornal na Estante*, de 1985.

O peruano Carlos Cueto Fernandini, em artigos na revista *Fênix*, da Biblioteca Nacional de Lima, coloca-nos, com indiscutível propriedade, diante da magnitude do problema. "Livros para o povo por quê?", indaga ele, respondendo a seguir:

Ali, onde ainda não se universalizou a escola primária e onde, todavia, o analfabetismo mantém alto o horror de sua bandeira, onde a miséria e a desnutrição assediam os grandes grupos humanos, por que o livro para um leitor a que melhor urge o primário e o inadiável, a moradia, a saúde e o vestido? Justamente: o livro é a arma que as comunidades humanas necessitam para levantar-se de tais afrontas e pôr-se em dia com a história. O livro tem sido sempre um órgão da imaginação, um instrumento de recreio, a voz intemporal com que nos falam aqueles amigos que viram cara-a-cara os grandes problemas do homem e que vêm a nós para nos comunicar sua meditação. Hoje, porém, é também algo mais: é um poder ilimitado para promover o bem-estar humano. Ele ensina como construir casas dignas, como preservar a saúde, como abrir caminho nas atividades econômicas. E ainda mais: o livro expõe os sistemas de valores que unem culturalmente as sociedades. Ele é também uma ferramenta prática, indispensável a toda sociedade que aspira ao seu desenvolvimento econômico e à integração cultural, sem a qual nenhuma economia tem sentido.

Muito judiciosas estas observações de Carlos Cueto Fernandini:

Não existiu jamais na história o caso de um país que se haja desenvolvido econômica, social nem culturalmente senão por ação própria. Todavia, são muitos os povos que continuam

crendo que o bem-estar a que aspiram há de lhes ser outorgado integralmente pelas leis do Estado ou pelas promessas e programas dos políticos ou pela ação dos governos. Os políticos desfrutam nestes países de um prestígio que se pode comparar ao que outrora tiveram os magos, os guerreiros, os adivinhos. Não. O Estado é necessário porque constitui uma força de equilíbrio baseada na lei; são igualmente necessários os políticos e os governos justos. Porém, por ser imenso o seu campo de ação, o Estado, os governos e os políticos pouco podem fazer em definitivo se a obra que prescrevem as leis e os planos integrais do desenvolvimento não é realizada pelos mesmos povos, como uma emanção de sua força interior, de seu templo espiritual, de sua vontade de servir às tarefas de seu tempo.

E acentua, então:

O livro está na origem desta força interior. Ele mostra o que cada um deve fazer em benefício próprio e em serviço da sociedade. É um complemento indispensável da educação que se recebeu na escola ou no colégio ou no curso politécnico. É o instrumento de renovação imprescindível para quem tem uma carreira. Ele nos indica como podemos nos preparar para um trabalho útil ou como podemos progredir na oficina artesanal, na fábrica, no campo de cultivo, no vilarejo; como podemos dominar a natureza e tirar proveito racional – ainda sem maiores meios econômicos e sem grandes maquinarias – de rios e mares, chuvas e desertos; como podemos alternar com outros homens e compreender outras formas de vida; como devemos usar nossas horas livres e converter o ócio em atividade capaz de nos realizarmos como seres humanos. O livro se confunde com a vida toda. É a humanidade inteira que se põe ao lado de nosso pensamento e da nossa ação para vivificá-los dia-a-dia.

Após a divulgação dos resultados do vestibular na Universidade Federal do Ceará, quando os classificados tinham várias

opções à sua escolha, duas filhas minhas, a Noemi e a Fátima, pediram-me sugestões sobre a carreira a seguir. Para a primeira, indiquei Pedagogia; para a segunda, Biblioteconomia. Alimentava a presunção de que o Brasil, país em desenvolvimento, haveria de prestigiar em toda linha profissões como a de professor e bibliotecário, ambas com relevante função educacional e social no carro-chefe do progresso. Ledo engano. Nos desconcertos que nos afligem, podem ser temas de discursos bombásticos no palanque político, mas não de envolvimento e determinação no encaminhar de soluções que apontem para a redenção esperada. Felizmente, o desânimo é do pai; as filhas, estas, no batente do trabalho, integram a legião dos que lutam com encarniçado empenho para apressar a hora da prevalência da educação e do livro como fatores de desenvolvimento.

Detenho-me na Fátima Maria Alencar Araripe, porque dela é a dissertação em apreciação. Abraçou a Biblioteconomia esperançosa e ativa, convicta de que não seria apenas um almoxarife de livros, para usar a expressão de Manuel Bastos Tigre, o insigne patrono da categoria. Essa disposição de ânimo e a nítida compreensão do papel a desempenhar levariam-na a outro patamar – o do magistério. E nele se encontra voluntariosamente disposta a galgar todos os degraus da ascensão profissional.

Fátima erigiu como tema da sua dissertação a Biblioteca Provincial do Ceará, inaugurada a 25 de março de 1867. Antes, porém, de enfocá-la nas suas exatas dimensões, recua no tempo para um passeio à antigüidade. Como, quando e onde surgiram as primeiras bibliotecas, a sua evolução, a influência que tiveram.

Nas andanças pelos caminhos do mundo, com que Deus e a boa sorte me favoreceram, deparei-me, certa vez, com um sítio arqueológico em que descortinava belezas helênicas nas costas do mar Egeu. Estava nas ruínas de Efeso, hoje, uma pequena cidade incrustada em território turco, mas que pertencera à Grécia, e que se tornara célebre por singularidades, entre elas, o templo de Diana, uma das sete maravilhas e que fora incendiado. Notabilizara-se também por haver sido sede, na era cristã, de um concílio da Igreja Católica. Detive-me em frente à simbiologia de Esculápio, nem poderia deixar de assim proceder, para distinguir

o médico, meu filho, em cuja companhia me encontrava. Mas foi diante do que restava de um prédio de dois andares que senti maiores assomos de admiração. Ali funcionara a biblioteca, uma evidência de quanto se valorizava, entre os gregos, a sua presença no conjunto urbano.

Alexandria, fundada por Alexandre Magno, foi o centro artístico e literário do Oriente. Não terá sido por mera coincidência que ali se instalara riquíssima biblioteca, depois incendiada. Estava em paragens devastadas por sucessivas invasões. Mas o século XXI – é o informe mais recente da internet – encontrou Alexandria com uma biblioteca monumental, ocupando área total de 70 mil metros quadrados, área útil de 52 mil metros quadrados, dois mil lugares em salas de leitura, inicialmente com 200 mil livros, dez mil imagens e 1.500 títulos de revistas. A capacidade do acervo é de oito milhões de livros.

Em sua dissertação, Fátima Maria Alencar Araripe incurSIONA pelo Ceará do século XIX, enfatiza os espaços culturais de Fortaleza, como teatros, cinemas e agremiações literárias e sociais. Abrange esportes praticados à época, atividades econômicas e administrativas. Em decorrência das pesquisas que empreendeu, oferece-nos subsídios interessantes sobre o ambiente em que surgiu a Biblioteca Provincial, aparato institucional da maior significação, mas que não foi cuidado com o desvelo que se impunha. No governo César Cals de Oliveira, com a denominação de Biblioteca Estadual Menezes Pimentel, ganhou sede de grandes dimensões, esqueceram-se, porém, de dotá-la de modernos apetrechos, pior do que isso, deixaram que se deteriorasse a exaustão. Felizmente, passa, no dealbar deste milênio, por serviços de reforma geral e aguarda informatização, com direito a internet banda larga e videoconferência, projeto em execução resultante de parceria do governo do Estado com o Ministério da Cultura.

Pesquisa realizada no alvorecer de 2001 e intitulada **Retrato da Leitura no Brasil**, divulgada na *Folha de São Paulo*, revela que o brasileiro não encontra prazer na leitura. Era o que desnudara, faz anos, estranhando que não se descobrira ainda o livro como poderoso elemento de lazer e prazeroso entretenimento.

Deparo-me em *Seleções* de maio de 2001 com o depoimento do Dr. Ben Carson, neurocirurgião norte-americano. É a confissão emocionante da transformação por que passou ao influxo do convívio com o livro na Biblioteca Pública de Detroit.

Alegra-me o engajamento de Fátima Maria em projetos de extensão da Universidade Federal do Ceará, vinculados ao Programa Nacional de Incentivo à Leitura, do Ministério da Educação. Anima-a também servir às tarefas de seu tempo.

Por tudo, louvado seja o Senhor!

(outubro/2001)